

REVISTA DO MINHO

Dedicada ao estudo das tradições populares

DIRECTOR—JOSÉ DA SILVA VIEIRA

—
XIV ANNO DE PUBLICAÇÃO
—



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
ESPOZENDE
1898

AS SÉSTAS

«Este titulo indica apenas um certo tempo de descanso de trabalho para os obreiros, mas n'esta terra toma os fôros de uma festa tradicional, de antiga data sendo difficil averiguar da sua origem. Costumes do povo, remotos.

Na segunda-feira da Paschoela, em que principia a vigorar o tempo da sêsta—duas horas depois do meio dia—é costume antigo, do rapazio empregado na construcção d'obras, passear pelas ruas com uns da sua idade, ás vezes quasi nús, com a cara, pernas e braços retintos de tinta vermelha e preta. São levados sobre padiolas, arrançadas nas obras, rodeadas de cannas, bandeiras, flores e passeados pelas ruas em triumpho.

Atraz, muita garotagem em vozeria, atordando de espaço a espaço com o grito repercutido de—Viva a sêsta!

Este anno a commemoração do descanso sublimou-se um pouquinho.

Além d'outras *sêstas* vimos duas, mais civilizadas com— innovações.

Um grupo de pretinhos, perfeitamente caracterizados, com as suas tangas e corôas semelhante as de pennas, acompanhavam um preto, montado n'um burro que se acompanhava d'um *grande* (não—grande burro...) africano, cobrindo-o com um elevado chapéu de folhagem, em imitação dos que usam os negros africanos nas grandes audiencias d'um regulo.

Lisseram-nos ser tudo isto arranjado por um empregado da Empresa Minei-

ra sr. Daniel Reis. Se não era esplendido, agradava pela originalidade.

Uma outra *sésta*— a das obras dos novos paços do concelho—consistia em um carro embandeirado, transportando alguns rapazes das mesmas obras.

Outras mais appareceram, mas que não sahiram da trivialidade, não merecendo por isso menção.

Assim se affirmou o dia de segunda-feira santificando o pacto, antigo e nunca quebrado da concessão das duas horas de descanso aos operarios desde a segunda feira da Paschoela até o dia 7 de setembro de cada anno.

COMO SE CASA EM BOURO

Na freguezia de Santa Maria de Bouro, quando se trata de algum casamento, é costume antigo o seguinte: No acto de irem receber-se, vem um dos principaes parentes do noivo á porta do que ha de ser sogro, onde está á sua espera um parente dos paes da noiva e tirando ambos os chapéus, pergunta o parente da noiva ao outro:

--Que procuraes?

Responde o outro:

Mulher, honra, fazenda e dinheiro.

Logo o de dentro, toma a noiva pela mão e apresentando-lh'a, diz.

—Ella cabras guardou; sebes saltou: se em alguma se espetou e a quereis, as-

sim como é, assim vola dou.

Dito isto, dirigem-se todos á igreja e celebra-se o matrimonio; e não pôde haver desunião nem questão alguma, ainda que haja *defeito*, porque ella se vale da força d'aquellas palavras, trocadas entre parente de um e de outro, que são o baptismo que lava de todas as culpas passadas. E que remedio se não aguentar. O contracto faz lei.

MAIAS

A proposito das festas das Maias, respigamos no «Portugal Antigo e Mouderno» o seguinte curioso artigo:

«Usadas em Portugal, e ainda em nossos dias eram objecto de grande regosijo no Algarve.

São com toda a probabilidade, herdadas dos romanos.

Vi eu mesmo as FESTAS DAS MAIAS, em Tavira, Castro Marim, Villa Real de Santo Antonio e outras povações do Algarve.

Faziam-se do modo seguinte:

Escolhia-se uma rapariga dez a doze annos, das mais bonitas do sito. Eofeitava-se com um vestido branco, joias, fitas e flores, e se collocava em um throno florido, construido em uma sala ao rez da rua. Era a MAIA.

Em frente da casa onde ella estava, havia um mastro, co-

berto de murta e flores, em roda do qual se dançava todo o dia, ao som de qualquer instrumento (às vezes até mesmo de uma philharmonica, mais ou menos horripilante) e era um dia de divertimento e alegria.

Esta festa tinha lugar no dia 1.º de maio de cada anno.

Não era só em uma parte que tinha lugar a festa. Todas as ruas queriam ter a sua MAIA, e andava á COMPITA, qual d'ellas seria mais luxuosamente vestida, e em qual das festa haveria maior e melhor concorrência e sumptuosidade; o que às vezes dava causa a conflictos e desordens.

Ha alguns annos que o governo prohibiu a FESTA DAS MAIAS.

*

* *

Ainda a proposito das MAIAS, escreveu o nosso immortal Camillo a seguinte graciosa e humoristica passagem:

—O poeta, quero dizer, o que faz da sua vida de dois ou tres annos chronica em verso, é como o figurão que no dia 1.º de maio passeia as ruas de algumas villas de Traz-os-Montes, vestido de giestas floridas de amarello e branco, cantando «as maias» diante das danças de rotulos, por onde a louçã mocinha da casa, lisonjeada nas trovas, lhe atira a moeda de cobre.

Ao declinar do sol, o florido «maio» despe as viçosas ramagens com sofrega impa-

ciencia, chama a contas o thesoureiro das dadivas e joga com elle o murro, na hypothese quasi sempre justa de que elle compriu indignamente o seu mandato. Liquidado o producto das trovas e das cortezias ramalhudas, o festeiro do mez das flores, fuode os vintens escassos n'uma bodega, e faz das giestas vassouras com que mimosea a mãe.

o casamento entre os povos christãos da Guiné

Para fazermos uma descripção resumida do casamento entre os povos christãos da Guiné, convém primeiro dar uma ideia da educação das creanças do sexo femenino. As mães, logo que estas terminam a amamentação, o que tem lugar aos dois ou tres annos de idade, entregam as filhas a uma parenta ou mulher da sua intimidade, para as educar, porque dizem que as mães, tratando-as com mimo, nunca lhas podem dar boa educação. Se isto tem razão de ser, as mães europêas qua o digam. O que é certo é que estas mulheres denominadas mestras ou donas, ficam tendo mais direito sobre as suas educandas do que as proprias mães, e por isso quando se tornam mulheres, são ainda as mestras que dispõem da sua mão, e a quem se dirige o individuo que pretende casar-se.

Quando este se dirige à

mestra, ou dona d'aquella que deseja tomar por noiva, e faz o seu pedido, se este é satisfeito, retira-se e envia-lhe como prova de reconhecimento um cabaço cheio de garrafas de licores diferentes (nunca menos de sete.) D'esta, a mestra manda logo uma à mãe, participando-lhe o proximo casamento da filha, e em seguida reúnem-se os parentes afim de darem também o seu consentimento. Dado este, tem o noivo de enviar mais sete cabaços como o primeiro, ou com maior numero de garrafas, segundo a sua generosidade ou seus meios.

Terminando os presentes, vae a noiva, no meio de numerozissimo acompanhamento de donzellas e velhas, com a cabeça coberta, e apoiando-se nos hombros d'uma mulher já idosa, para casa do seu noivo; porém durante este tracto, como é de praxe, a donzella, embora sinta pelo seu futuro a mais ardente paixão, recusa-se de espaço a espaço proseguir, simulando que é levada á força. Então todo o acompanhamento pára, e é necessario que o noivo dê mais uma garrafa de licôr, para com algumas gottas d'elle se espargir o solo, e só depois é que continua a marcha. Estas estações repetem-se sempre que param junto das portas de diferentes casas. Finalmente, chegados que sejam à porta do noivo, fazem a ultima estação, espargem o li-

miar com algumas gottas de mais duas garrafas de licor; a noiva entra e o séquito retira-se.

No dia seguinte, é o esposo obrigado a ir dár parte à mestra da noiva, se está ou não satisfeito com ella, e depois pelo espaço de oito dias seguem-se muitas festas, danças cantigas e tiros em louvor dos recém-casados.

Aqui têm o que é o casamento entre os povos da Guiné. Recebem voluntariamente o baptismo; instruem-se bem ou mal na doutrina christão, porém com o casamento à face da igreja não se conformam.

DIVERSOS USOS E COSTUMES

Os reis negros da Africa apertam, em signal de saudação, o dedo médio da pessoa com quem fallam; os japonezes descalçam as chinellas, e os laponios esfregam o nariz de encontro ao do amigo.

Os Hindostão saudam um homem segurando-lhe a barba, e nas ilhas Philipinas pegam na mão do estrangeiro e com ella limpam a propria cara.

Entre os povos que se dizem civilizados, o costume de como signal de amizade ou cumprimento, apertar as mãos foi adoptado na Inglaterra, no reinado de Henrique II. Anteriormente, porém, adoptava-se o habito de outra saudação dos povos orientaes, isto é, abraçava-se e beijava-se a pessoa como em nossos dias fazem as senhoras.